

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

147

INSCRIÇÕES 598-600



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
FACULDADE DE LETRAS | UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE ESTELA ROMANA DE VISEU

No âmbito dos trabalhos de escavação e acompanhamento arqueológico de obras da ViseuPolis [3^a. campanha] – Calçada de Viriato e Zonas Envolventes, em Viseu, levados a cabo por uma equipa da Arqueohoje, cujo relatório foi elaborado, em 2008, por Nádia Peres Figueira,¹ foi exumado, no sector 2, o fragmento de uma possível estela romana, de granito (fig. 103 do relatório). Decerto para qualquer reutilização foi desbastada na parte superior, de modo que se apresenta agora com uma forma, diríamos, triangular. O desbaste sofrido levou o começo da linha 1, não sabemos como terminaria em cima e também ocorreu uma fractura ao nível médio do que

¹ Trata-se do contrato nº 460/7/CN007 e o relatório final diz respeito aos trabalhos realizados de 15 de Outubro de 2007 a 5 de Dezembro de 2008. A notícia do achamento da epígrafe, em contexto de enterramentos mas não associada a qualquer situação de inumação ou incineração, está na p. 52 do relatório, onde logo se apresenta uma primeira leitura, que apenas difere da que ora apresentamos no que se refere ao primeiro nome da defunta e à interpretação – ainda hoje duvidosa – da linha final. O estudo epigráfico propriamente dito do monumento ainda não fora efectuado, ainda que em ENCARNÇÃO (José d') e MOREIRA (José Beleza), «*Eburobrittium* e as suas epígrafes singulares», *Conimbriga* XLIX 2010 p. 58 – acessível em <http://hdl.handle.net/10316/20147> –, lhe tenha sido feita referência, apontando-se já a possibilidade de ser *Turrania* o *nomen* da defunta.

consideramos a última linha, embora possa ter havido mais.² A peça encontra-se inteira, apenas fragmentada lateralmente e no topo, preservando-se inteira ao nível da linha 5 e na base. Campo epigráfico rebaixado em cerca de 0,3 cm relativamente à restante peça, cuidadosamente aplanado e alisado.

O monumento encontra-se guardado e devidamente acondicionado no depósito de materiais da empresa.

Dimensões: 64 (alt) x 50 (larg) x 39 (espessura)

Campo epigráfico: 50 (alt.) x 32 largura [consegue-se saber a totalidade na quarta e quinta linha, pese embora fragmentado).

[TV?]RRANIA/E · M(*arci*) · F(*iliae*) · PLA/CIDAE
· EBV/ROBRITTI/ENSI · AT/^sTIA · L(*ucii*) · F(*ilia*) ·
F(*aciendum*) · C(*uravit*)

*A Turrânia (?) Plácida, filha de Marco, Eburobriense
– Átia, filha de Lúcio, mandou fazer.*

Altura das letras: l. 1: 6,5/7 cm; l. 2: 6,5/7; l. 3: 6,5/7,5 ;
l. 4: 7/7,5 ; l. 5: 7,5/8 ; l. 6: 3,5 cm (preservado). Espaços: 1:
1/2; 2: 1/2 ; 3: 1/1,5; 4: 1/1,5 ; 5: 1,5.

No começo da l. 1, vê-se o que interpretamos como a parte final de um R: o espaço que desapareceu, tendo em conta que a paginação obedeceu a um alinhamento à esquerda, afigura-se-nos bastante para nele caberem as duas letras que reconstituímos – TV – eventualmente estando o V mais

² Os dois sulcos horizontais paralelos (filetes com 5,5 cm de altura cada) que estão sobre a linha 1, a serem originais, como parece, poderão interpretar-se como a separação de um frontão superior onde, inclusive, poderia ter havido decoração do tipo rosácea, ou são o que resta de uma molduração, o que nos levaria a pensar que estamos perante não uma estela mas sim uma placa cujo texto se estendia sobretudo em altura. A primeira hipótese afigura-se-nos, naturalmente, a mais viável. Quer-nos parecer que esta molduração não existiria lateralmente.

pequeno, uma vez que esse estratagema foi pelo *ordinator* usado no final da l. 2 (A) e no final da l. 4, em relação ao I. Apesar do esborcinado, o I reconstitui-se sem problemas e, também aqui, a hipótese do recurso a um A de módulo menor se nos afigura plausível.

Na l. 2, há a barra inferior do E e um trecho mínimo do arranque da haste vertical.

Apenas na última linha surgem dúvidas. A fórmula *F(aciendum) · C(uravit)* parece-nos que não oferece dúvidas, ainda que só se vejam as metades superiores das letras. A leitura ATTIA parece-nos razoável e a hipótese de vir seguida da filiação também não nos causa perturbação, tanto mais que do F – de *F(ilia)* – se vêem as duas barras.

Paginação cuidada, com adequado recurso à pontuação, constituída por um ponto bastante evidente. Caracteres actuários, de bom recorte, gravados à goiva: o R foi gravado a partir do P, não tocando a perna (que é lançada para diante, num ritmo encurvado) na sua haste vertical; A estreito e, por isso, de barra horizontal breve, o seu vértice é arredondado; algum preciosismo nos vértices inferiores das letras, a denunciar ter havido prévias linhas auxiliares, aspecto também evidente nas barras dos T; S simétrico; O largo; B assimétrico, gravado a partir do P e, por isso, de ‘barriga’ mais avantajada. Apesar de ter recorrido ao uso de letras menores, o *ordinator* não terá logrado evitar – em *Turrania/e* – a interrupção silábica.

A estar correcta a nossa interpretação, toda a onomástica é bem latina. Na epigrafia da Lusitânia, os *Turranii* constituem uma família importante em Conímbriga;³ *Placidus* é cognome etimologicamente latino, que terá cerca de uma vintena de testemunhos na epigrafia lusitana, cinco dos quais em Mérida;⁴ Kajanto, que analisou a ocorrência desse *cognomen* no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, cita-o como

³ ÉTIENNE, Robert et FABRE, Georges, 1972: “C. Turranius Rufus de Conimbriga”, *Conimbriga*, XI, p. 193-203.

⁴ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, mapa 232, p. 264.

um dos que parece típico da Hispânia.⁵ *Attius* é, normalmente, um gentilício, bastante atestado na Lusitânia; há, contudo, uma flamínia provincial e municipal, que, em Talavera de la Reina, se designa *Domitia Attia*.⁶

O dado mais valioso que o monumento nos proporciona é, sem dúvida, a menção da naturalidade da defunta, a segunda vez que tal ocorre na epigrafia romana conhecida⁷. Mostra o orgulho da família em como tal a identificar, o que, de certo modo, corrobora não apenas o que as escavações revelaram⁸ como o que já os antigos livros assinalavam acerca da importância de *Eburobrittium*, um porto de mar que porventura serviu também todo esse litoral lusitano.⁹

NÁDIA FIGUEIRA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁵ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 18.

⁶ *Atlas* citado na nota 4: mapa 44, p. 104-105.

⁷ Cf. VASCONCELLOS (José Leite de), *Revista de Arqueologia* II 1934 p. 194, que refere a seguinte epígrafe achada na Senhora de Abobriz, junto a Óbidos: [D(is)] M(anibus) S(acrum) / [T]OLIO / MAXIMINO / IIVIR(o) (hedera) EBORO/[BRIT]T[iensi] (hedera) ANN(or)um (hedera) LII. Trata-se de *Eburobrittium*, comenta o editor, que remete para PLÍNIO, *Naturalis Historia*, IV, 113. Ver AE 1936, 106.

⁸ Ver MOREIRA (José Beleza), *A Cidade Romana de Eburobrittium — Óbidos*, Porto, 2002.

⁹ ENCARNÇÃO (José d'), «Da imaginação e do rigor», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, 2001-2002, 387-404 (sobretudo p. 391-392). Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/14193>



598

ESTELA FUNERÁRIA DE DUPLA CARTELA DA NAVE
(SABUGAL)

Fragmento de uma estela funerária de granito grosseiro amarelado, descoberta em Maio de 2012 na povoação da Nave, no concelho do Sabugal. O exemplar foi identificado no decurso de uma visita à igreja matriz para observar algumas tampas de sepultura de cronologia moderna. A epígrafe encontrava-se encostada à fachada da igreja, julgando-se provavelmente que era mais uma campa. Não foi possível apurar a sua proveniência, nem as circunstâncias de achado.

A cerca de 500 m para sul da igreja, conhece-se uma estação romana com cerca de 9500 m² de área de dispersão de achados cerâmicos, ladeando um caminho bastante antigo de ligação entre o vale do Côa e o vale do Águeda. O sítio foi anteriormente classificado como uma *mutatio*¹.

Nas imediações do sítio romano existem os restos de duas sepulturas escavadas em penedos graníticos, de cronologia alto-medieval. Além disso, num edifício tradicional desta aldeia, foram descobertos dois *pulvini* de mausoléu reutilizados². Não

¹ OSÓRIO, Marcos (2006) – *O Povoamento Romano do Alto Côa* (Territoria; 1). Guarda: Câmara Municipal, p. 70.

² OSÓRIO, Marcos (2013) – Pedras singulares: alguns achados arqueológicos enigmáticos do concelho do Sabugal, *Sabucale*, 5, Sabugal, p. 70.

será, por isso, improvável que a estela provenha daí, onde assinalava o local de uma sepultura.

O monumento está razoavelmente afeiçoado, mas, por se encontrar incompleto e fracturado, não é possível retirar mais conclusões sobre a sua morfologia original. Contudo, tendo em conta a sua largura e o recurso a uma dupla cartela, seria seguramente um exemplar de grande dimensão, correspondendo este fragmento a um quarto da totalidade da peça.

Dimensões: (42) x 47 x 22.

[...]O / LOVCI/NI · A(*nnorum*) XX (*viginti*) // [N]ICER
(*vel* [N]IGER) [...]

(...) filho de Loucino, de vinte anos. Nícer (ou Níger)...

Altura das letras: l. 2: 6,5 (C = 7,5); l. 3: 6; l. 4: (3,5).

Espaços: 1: 3-4; 2: 2-3; final da 1ª cartela: 4-5,5; inicial da 2ª cartela: 2,5-3.

O campo epigráfico encontra-se distribuído por duas cartelas rebaixadas e pouco alisadas, respectivamente com 32 e 31 cm de largura e 1,5 cm de profundidade, separadas por uma faixa de 7 cm, com listéis laterais de 6 a 7 cm.

A inscrição conserva duas linhas completas e restos de outras duas. Na cartela do topo são visíveis 3 linhas, faltando pelo menos mais uma. Na cartela inferior apenas se distingue uma linha. O *ordinator* terá aparentemente disposto o texto obedecendo a um eixo de simetria no espaço disponível.

Os caracteres observáveis lêem-se com facilidade, mas as letras não são regulares, revelando pouca homogeneidade na altura, especialmente os XX. Apenas se identifica um ponto de separação entre o antropónimo e a idade.

Da leitura deste excerto epigráfico podemos afirmar que estamos perante um monumento funerário erguido a um jovem de patronímico Loucino, que morreu com vinte anos de idade. Ficando por esclarecer a relação de *Nícer* com o falecido. Talvez fosse o dedicante da estela.

O antropónimo *Loucinus* tem a sua área de difusão

particularmente centrada na Lusitânia³, estando atestado em Idanha-a-Velha⁴, em Cória⁵, na região de Ciudad Rodrigo⁶ e em várias localidades em torno de Cáceres⁷. A forma não sonorizada *Louginus* ainda não apareceu na Península Ibérica. Quanto ao segundo antropónimo, identifica-se em toda a Península Ibérica como *Niger*⁸ (com o significado de «negro» ou «moreno»), conhecendo-se apenas duas vezes a variante *Nicer*, e uma delas descoberta neste município⁹. Na impossibilidade de obtermos a leitura da variante exacta do antropónimo da derradeira linha do fragmento epigráfico, optámos por esta última pela proximidade geográfica à epígrafe do Sabugal e pela não sonorização do

³ UNTERMANN, Jürgen (1965) – *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua* [Bibliotheca Praehistorica Hispana; 7]. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 123, mapa 49. ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones. [Madrid]: Universidad Complutense (Arqueología: I. Anejos de Antigüedad y cristianismo; 2), p. 402. VALLEJO, José María (2016) – *Onomástica Paleohispánica*. I, Antroponimia y teonimia. 1, Testimonios epigráficos latinos, celtibéricos y lusitanos, y referencias literarias. Banco de Datos Hesperia de Lenguas Paleohispánicas (BDHESP) III. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 365-366.

⁴ FERREIRA, Ana Paula (2004) – *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 34), nº 92.

⁵ Onde, curiosamente, é identificado um Níger, filho de um Loucino: CIL II 781; HURTADO DE SAN ANTONIO, R. (1977) – *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas: Cáceres*. Cáceres: Diputación Provincial. Servicios culturales, nº 214 (=CPILC).

⁶ ROMERO PÉREZ, Antonio; SALINAS DE FRÍAS, Manuel (2001) – Nuevo teónimo de la Provincia de Salamanca. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 341-346.

⁷ Em Ibahernando: CPILC 295; em Villamiel: MELENA, José L. (1985) – Salama, Jálama y la epigrafía latina del antiguo Corregimiento. *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae* (Anejos de Veleia: I). Vitória, p. 528; duas em Abertura: HÉp 5: 163 e IGLESIAS-GIL, José Manuel e SÁNCHEZ ABAL, José Luís (1977-1978) – Nuevas estelas romanas de la provincia de Cáceres. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 50-51, p. 428 nº 8; e em Moraleja: CPILC 343.

⁸ UNTERMANN, 1965: mapa 57, p. 138.

⁹ CURADO, Fernando Patrício (1984) – Monumento votivo a Arentia, de Sabugal. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 7: 27.

primeiro nome que aparece na epígrafe.

Sendo o patronímico de índole indígena, e tendo em conta o suporte em forma de estela, poder-se-ia integrá-la numa cronologia ainda incipiente de aculturação romana. Já o segundo indivíduo detém onomástica latina, embora possa dissimular uma natureza indígena sob um nome vulgar na linguagem¹⁰.

De acordo com o que foi observado no *conventus Pacensis*, estamos perante mais uma associação entre o suporte da estela e a onomástica indígena¹¹. E embora na Beira Interior este fenómeno não seja equiparável, revelando discrepâncias em algumas regiões¹², na zona do Sabugal esta realidade repete-se¹³ e as estelas exibem maioritariamente antroponímia indígena: Malgeino, Ambato, Tatúcio, Tangino, Duácio, Tauroco, Meiduena, Melamânio, Talácio, Copórico, Cílio e Talávio¹⁴.

O epitáfio da Nave é a sétima estela descoberta no território do Alto Côa, onde se destaca a grande quantidade de exemplares desta tipologia aqui identificados, em comparação com as regiões envolventes¹⁵.

São também escassos os exemplares encontrados na Beira Interior com o campo epigráfico configurado em dupla cartela. Para além de um monumento funerário proveniente de Marialva¹⁶, foram já assinalados dois casos no concelho do Sabugal, em

¹⁰ ENCARNÇÃO, José d' (2010) – Aspectos da aculturação onomástica nos primórdios da Lusitânia. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., (ed.) – *VII Table ronde sur la Lusitanie Romaine. Naissance de la Lusitanie Romaine (I av. J.C.- I ap. J.C.)*. Toulouse: Université, p. 178.

¹¹ ENCARNÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, p. 300.

¹² Em parte, devido às particularidades do conjunto epigráfico de Idanha-a-Velha: FERREIRA, 2004, p. 39.

¹³ CURADO, Fernando Patrício (1988) – Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 27: 123, nota 3.

¹⁴ Ver catálogo das inscrições do Alto Côa: Osório, 2006: 135.

¹⁵ OSÓRIO, Marcos (no prelo) – Uma reflexão sobre a epigrafia clássica da Beira Interior com o auxílio dos SIG. Actas das *Jornadas Internacionais de Arqueologia Clássica*. Coimbra.

¹⁶ CURADO, Fernando Patrício (1985) – Estela de Marialva (Meda) (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 11: 47.

Ruivós¹⁷ e em Vila Boa¹⁸, ambos a 3 km de distância da Nave, fazendo da bacia do Alto Côa a zona de maior incidência deste tipo de formulário¹⁹, talvez devido a uma oficina epigráfica aqui localizada.

Não temos dados suficientes para deduzir a datação do monumento. Apenas pela análise paleográfica, pela tipologia e pela onomástica poderíamos apontar para uma cronologia do século I d. C.

MARCOS OSÓRIO



599

¹⁷ CURADO, Fernando Patrício (1984) – Estela funerária de Ruivós, Sabugal. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 8: 31.

¹⁸ CURADO, Fernando Patrício (1988) – Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 27: 123.

¹⁹ FERREIRA, 2004, p. 39.

FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE
VISEU*(Conventus Scallabitanus)*

Canto inferior direito de placa funerária romana, de mármore com alguma pátina rosada, identificada em Junho de 2000, na Rua Direita, por ocasião do acompanhamento das obras realizadas na cidade de Viseu, acompanhamento arqueológico a cargo da empresa Arqueohoje. A placa encontrava-se associada a terras negras, com telhas e *imbrices*.

Está guardada na sede da empresa, em Viseu, e, dada a sua graciosidade, foi usada no postal de Boas Festas da empresa em 2000; aliás, em textos publicados na imprensa local foi, de quando em vez, referenciada, mas ainda não fora estudada do ponto de vista epigráfico.¹

Conserva-se parte da moldura inferior, donde se deduz que o campo epigráfico, profusamente riscado, era limitado por moldura do tipo garganta directa, com 4 cm de espessura.

Dimensões: (23) x (29,5) x 4.

Campo epigráfico: (17) x (29,5).

¹ Agradeço, por isso, aos responsáveis da Arqueohoje, nomeadamente ao Dr. Luís Filipe Coutinho Gomes, a gentileza de me proporcionarem, sem limitações, o estudo e publicação deste monumento epigráfico.

[...] [?] / [...] [CLA]VDI[AE vel -O] / [C(ait) F(liae vel -o)] [?] / [CAI?]VS · [?] IVLIVS [...] [?] / [P]ATER

Alturas das letras: penúlt. linha: 4,4 a 4; última linha: 4.
Espaços: 1: 1,7; 2 e 3: 1,5.

O texto poderia ter, pelo menos, uma primeira linha onde estaria o que falta da identificação da(o) defunta(o), não parecendo, porém, viável, dada a paleografia – que aponta para a 1ª metade do século I da nossa era – que houvesse a fórmula de consagração aos deuses Manes.

Afigura-se, à primeira vista, que a paginação terá obedecido a um eixo de simetria, considerando o largo espaço que resta, na última linha, após a palavra PATER; a haver aí a habitual fórmula F(*aciendum*) C(*uravit*), certamente a primeira sigla estaria presente, se tivérmos em conta que o *ordinator* não deixou espaço antes de IVLIVS.² Sendo assim, PATER ocuparia isoladamente, como se propõe, essa linha. A questão põe-se, todavia, em relação à penúltima linha: IVLIVS, o *nomen* do dedicante, estava precedido pelo *praenomen* por extenso: CAIVS, por exemplo, ajustar-se-ia bem; mas... não haveria *cognomen*, exactamente por estarmos mesmo nos primórdios do século I?

Voltando à antepenúltima linha, é grande a tentação de reconstituir o *nomen* CLAVDIAE (*vel* CLAVDIO); o feminino calhava melhor, porque apenas haveria de seguida a filiação.

Estas considerações sobre a paginação, indispensáveis para se tentar compreender o conteúdo do texto, implicam que voltemos atrás, para a análise paleográfica e a justificação da leitura.

Os caracteres são do tipo monumental quadrado, mui elegantemente gravados a badame, de grande regularidade, sentindo-se que houve prévias linhas auxiliares. Note-se o extremo cuidado em desenhar as letras com diversa largura de sulco, para melhor se acentuar a sensação de claro-escuro, cuidado visível no D, no V e, até, no S, de enorme

² Uma quase imperceptível moessa entre o S e o I sugeriria (mui dubitativamente, é certo) uma tentativa de pontuação.

graciosidade, inclusive nos vértices de precioso acabamento; T de barra perfeitamente horizontal assim como o é a do L. Requentado se mostra, igualmente, o traçado do E e do R, a denunciar, no conjunto, um lapicida de elevada craveira técnica.

No que resta da antepenúltima linha, vemos a metade esquerda do V; o D reconstitui-se sem dúvidas e há do I o terço inferior. Na penúltima linha, do S final de *Iulius* está perceptível o termo da curvatura inferior. Na última linha, a fractura da esquerda ocorreu ao nível do corte da haste direita do A, de que se vê a terminação do vértice.

São mais as dúvidas do que as certezas no que se refere ao texto propriamente dito, onde apenas *Iulius* e *pater* se podem dar como certos, e, porventura, *Claudius* ou *Claudia*. Trata-se, contudo, pela beleza da gravação, de monumento indiciador de uma cultura epigráfica superior.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



600